

FEMINISMO E LUGAR DE FALA NAS REDES SOCIAIS

Alice do Nascimento Sampaio¹ Heitor Ferrari Marback²

Resumo: É notório que a disseminação dos ideais feministas ganhou status entre os tópicos principais da contemporaneidade. Este artigo discute como se dá a relação do movimento feminista contemporâneo com as redes sociais assim como investiga quais são os frutos dessa conexão. Pretendeu-se entender a importância do lugar de fala e do empoderamento feminino dentro desse contexto turbulento, no qual tais aspectos são tão discutidos, e como a tecnologia contribui para a disseminação do feminismo. Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica — estudo exploratório e descritivo, que apontou a importância das redes sociais na propagação do feminismo, haja visto que, por meio dessas plataformas, essa propagação molda a projeção do movimento na atualidade. Adicionalmente, foi elaborada análise de dados quantitativos, por meio da levantamento de *hashtags* de cunho feminista mencionadas em publicações na plataforma *Instagram*, que obtiveram as maiores quantidades de menções durante o período analisado. Por fim, concluiu-se que com a força e o alcance das redes sociais, o movimento feminista abre cada vez mais portas, chega cada vez mais longe e encontra cada vez mais mulheres para dar voz.

Palavras-chave: Redes Sociais; Feminismo; Movimento Feminista.

Introdução

A internet revolucionou e vem revolucionando a sociedade. Isso é do conhecimento geral e de certa forma, incontestável. Além da facilidade de acesso a informações, notícias, e do alcance a outras pessoas, a internet se tornou um espaço em que tudo é discutido e debatido, em tempo real.

As redes sociais são um espaço que permite pessoas de todo o mundo se relacionarem, se aproximarem e compartilharem um pouco da sua realidade, seja ela qual for. Esse movimento ocasionou diversas mudanças de comportamento no mundo, e esse espaço se tornou palco para discussões acerca de pautas importantes e complexas como feminismo, representatividade, racismo e homofobia.

Temas velados ou considerados polêmicos estão sendo, cada vez mais, expostos,

¹ Aluna da especialização em mídias sociais pelo Centro Universitário Jorge Amado - UNIJORGE. alicenascsampaio@gmail.com

² Professor da especialização em mídias sociais do Centro Universitário Jorge Amado - UNIJORGE. hfmarback@gmail.com



discutidos e até desconstruídos na sociedade, e grande parte disso se deve aos debates e informações disseminadas nas redes sociais. Muitos indivíduos terminam por se identificar com o que leem, se dando conta de que fazem parte de grupos que lutam e buscam cada vez mais por representatividade e lugar de fala nos tempos de hoje. Neste patamar, o feminismo é um, se não o grande exemplo.

Quantas mulheres não faziam ideia do que era o movimento feminista até lerem um relato publicado no *Facebook*? Até se identificarem com um desabafo postado no *Instagram*? Pouco a pouco, ações como essa geram a conscientização de muitas mulheres do contexto em que estão inseridas, e elas ganham forças para lutar por do seu lugar de fala na sociedade e no mundo.

Para entender melhor sobre a conexão do movimento feminista e do empoderamento feminino com o lugar de fala nas redes sociais, é preciso conhecer a origem desse movimento e os caminhos percorridos até os dias atuais.

Feminismo e a sua origem

Durante toda história sempre existiram mulheres que se rebelaram contra as condições que lhes eram impostas, lutando por liberdade e sofrendo as consequências disso. A Igreja Católica era implacável com qualquer mulher que provocasse os princípios pregados pela instituição. (PINTO, 2010)

De acordo com Pinto (2010), a largada do movimento feminista foi dada durante as décadas finais do século XIX, quando mulheres, primeiramente inglesas, se uniram e organizaram para lutar por direitos, sendo o primeiro deles o de votar, privilégio exclusivamente masculino até então. Essas mulheres ficaram conhecidas como as sufragistas; elas realizaram protestos, greves e sofreram consequências severas por conta dos seus atos. No Reino Unido, o direito feminino ao voto foi conquistado em 1918.

No Brasil, a luta feminista teve seu destaque inicial pelo mesmo motivo. As sufragistas brasileiras tiveram como líder Bertha Lutz, cientista e bióloga que estudou no exterior e voltou para o país na década de 1910, dando início a luta pela conquista do direito de votar. Bertha foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, grupo que fez campanha a favor do voto, e, em 1927, levou ao senado um abaixo-assinado que pedia a aprovação do Projeto de Lei para a concessão às mulheres





do direito de votar. Essa conquista aconteceu em 1932, ano em que foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro (PINTO, 2010).

Em concordância com Damasceno e Araújo (2006), os anos de 1930 e 1940 representam um momento em que, no Brasil, as reivindicações das mulheres foram escutadas. Elas podiam votar e ser votadas, ingressar em instituições de ensino, estar presentes no mercado de trabalho, dentre outros direitos.

As mobilizações continuaram no decorrer do tempo, e, nos anos de 1980 e 81, foram criados grupos que reforçavam os ideais do movimento feminista, possibilitando a ponderação de temáticas variadas, dentre elas a desigualdade salarial entre homens e mulheres, a imagem da mulher como reprodutora e dona de casa, a violência contra a mulher e a sexualidade feminina (SEABRA, 2017).

De acordo com Seabra (2017), a possibilidade da divulgação do movimento por meio dos novos meios de comunicação, ajudou o feminismo a ter um alcance nacional e mundial. A compreensão de que esses meios exibiam uma visão estereotipada da mulher foi um grande passo na construção - ou melhor, reconstrução - de uma nova representação do feminino perante a sociedade.

Apesar de todas as lutas feministas que ocorreram e ainda ocorrem, no Brasil e em todo mundo, e de toda a força que esse movimento ganhou no decorrer da história, ainda vivemos em uma sociedade machista e preconceituosa, em que há uma diferenciação absurda entre homens e mulheres principalmente no que diz respeito a emprego e a posicionamento social. (ALVES, Ana Carla e ALVES, Ana Karina, 2013)

O feminismo visa a conquista do lugar de fala das mulheres nessa sociedade tão machista e patriarcal, mas muitos ainda não entendem o que esse lugar de fala significa. Para que se possa ampliar essa compreensão, é necessário conhecer a origem do termo, para entender um pouco mais sua abordagem.

Sobre lugar de fala

Na comunicação, de acordo com o artigo Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa, o lugar de fala seria um instrumento teórico – metodológico que cria um ambiente explicativo para evidenciar que os jornais populares ou de referência falam de lugares diferentes e concedem espaços diversos a



falas das fontes e dos leitores". (AMARAL. 2005)

Ainda segundo o artigo, "o aporte que propomos reconhece as implicações das posições sociais simbólicas do jornal e do leitor e incorpora a noção de mercado de leitores, a partir da ideia de que para explicar o discurso, é preciso conhecer as condições de constituição do grupo no qual ele funciona". (AMARAL, 2005)

De acordo com o sentido dado pela comunicação, esse conceito serviria para análise de que o lugar de fala da imprensa popular é diferente do lugar de fala dos que são chamados de jornais de referência. Nesse artigo, mostra-se que esse lugar, o da imprensa popular, vai além do sensacionalismo. Para a autora, é fundamental entender posições sociais e capitais simbólicos de forma distinta. (RIBEIRO, 2017).

Para Ribeiro (2017), pode-se perceber a tentativa de analisar diversos discursos a partir da localização de diferentes grupos, e mais, a partir de condições de construção do grupo, existiria uma quebra da visão dominante e uma tentativa de caracterização do lugar de fala da imprensa popular, de formas distintas e sensações geradas por estratégias como invenções, exageros, distorções e omissões, o lugar de fala busca explicar porque a imprensa dirigida a esse público opera com modos de endereçamento distintos dos usados na imprensa de referência e constrói sua credibilidade de outras maneiras.

É importante afirmar que, para além da conceituação dada pela comunicação, a origem do termo "lugar de fala" é imprecisa. Acredita-se que ele é oriundo da tradição de discussão sobre *feminist stand point*, em uma tradução literal: ponto de vista feminista - diversidade, teoria racial crítica e pensamento colonial. Os trabalhos e as reflexões realizadas nessas perspectivas, moldaram-se no seio dos movimentos sociais. (RIBEIRO, 2017)

Para possuir um lugar de fala, precisa-se ter um lugar dentro daquela fala que está sendo dita, precisa-se viver ou já ter vivido o que está sendo debatido. A representatividade e o lugar de fala estão diretamente ligados.

O lugar de fala visa a busca da explicação do porquê a imprensa popular dirigida a esse público age com modos de endereçamento diferentes dos usados na imprensa considerada de referência, construindo sua credibilidade de outras maneiras. "O lugar de onde fala o segmento popular da grande imprensa é diferente do lugar de



onde fala o segmento de referência". (AMARAL, 2005)

Sobre redes sociais como um ambiente de acolhimento e discussão

De acordo com Gindre (2016), no fim do século XX, há a disseminação e popularização da internet, das mídias e redes sociais. Com esse movimento, o processo de mobilização ganhou novas ferramentas, bem como outras características.

Nessas plataformas, o compartilhamento de informações variadas ocorre sem limites, ou seja, uma vez inseridas nas redes, estão acessíveis aos usuários que as integram. É com essa acessibilidade às informações e, principalmente opiniões relacionadas a necessidades e insatisfações (sociais e políticas), que nascem as mobilizações nas redes sociais. (TAVARES, BARBOSA e SANTOS, 2013)

Tavares, Barbosa e Santos (2013), afirmam que, dominadas pelo desejo de conquistar objetivos em prol do bem comum, e possuindo noção da quantidade de indivíduos que possuem acesso à internet nos dias atuais, as pessoas iniciam as mobilizações sociais. Por fim, essas mobilizações acabam resultando em manifestações públicas de grandes proporções.

Como explicam Sousa e Araújo (2018), a internet vem se tornando, cada vez mais, parte do cotidiano dos indivíduos, e o maior número de acessos está voltado para as redes sociais. Elas são estruturas nas quais esses indivíduos interagem de diferentes formas, com o objetivo de promover a socialização com pessoas e/ou grupos. Essa estrutura vem conquistando seu espaço de forma significativa, promovendo o acesso a conteúdos e informações de forma mais imediata, além de possibilitar o contato entre pessoas de diferentes localidades e realidades.

A partir disso, as redes sociais tornam-se espaços nos quais diversos temas e inquietações podem ser discutidos. Tudo isso integra o ciberativismo, que consiste na utilização da internet por grupos politicamente motivados que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação, organizar e mobilizar indivíduos para ações, dentro e fora da rede (MARTINS, 2014).

Por meio dessa interação, é possível que mulheres que desconhecem a luta feminista e até mesmo os seus próprios direitos possam conhecer, se aproximar e tomar



consciência sobre a importância desse movimento. (SOUSA e ARAÚJO, 2018)

Sousa e Araújo (2018) também afirmam que, deste modo, o ciberativismo se torna um instrumento de incentivo ao pensamento crítico, possibilitando a tomada de posicionamentos que possuem influência tanto em vidas pessoais quanto em sociedade. Tudo isso popularizou e vem popularizando o acesso ao movimento feminista, o que oportunizou uma maior visibilidade a grupos não hegemônicos de militância, a exemplo do feminismo negro e o transfeminismo.

Dentro dessas plataformas, diversas temáticas são abordadas. Exemplos delas são: denúncias contra sociedade patriarcal, manifestações contra os diversos tipos de violência, formas de opressão e submissão, a mulher e o mercado de trabalho, abordagens relacionadas ao corpo e a sexualidade, entre outros assuntos. (SOUSA e ARAÚJO, 2018)

O que permite a compreensão dessa crescente mobilização nas redes é pensar que os movimentos sociais têm utilizado a internet, desde o início, como um meio no qual suas ações podem ser coordenadas, um canal por meio do qual podem se comunicar e manter as suas versões dos fatos (ANTOUN, 2010). Para Gindre (2016), as redes sociais, como ferramenta de mobilização, possuem um grande poder de difusão, acima de tudo pela força das imagens veiculadas e da capacidade simultânea de comunicação com o local e o global.

O autor também afirma que, muitos especialistas dizem que a utilização das redes sociais, para convocar as pessoas a ocuparem espaços públicos, realizando reivindicações e protestos, pode se configurar como uma "estratégia de democracia direta na lacuna deixada pelo desconhecimento e/ou pela não participação nas esferas públicas tradicionais de representação social" (GINDRE, 2016).

Henrique Antoun, professor da Escola de Comunicação da UFRJ, explica que, uma vez que os movimentos sociais vão sendo marginalizados, e a televisão assume uma posição de mídia de massa, que passa a responder pela educação social, esses movimentos se apropriam da *web*. Antoun completa: "a *web* é povoada por movimentos sociais, hackers, grupos de ONGs, grupos de lutas sociais, que começam a entender aquele lugar como um espaço que precisava ser povoado pela população". (ANTOUN, 2010)



Sobre a origem da hashtag e o seu uso no movimento feminista

De acordo com Sousa e Araújo (2018) em 2007 a *hashtag* foi lançada pelo *Twitter*. O objetivo dessa ferramenta é agrupar conteúdos sobre diferentes temas por tópicos, a partir de palavras-chave antecedidas pelo símbolo #. Anos depois, plataformas como *Facebook* e *Instagram* também aderiram ao instrumento.

Foram levantadas as ocorrências de uso de *hashtags* no movimento feminista, de mobilizações realizadas em 2019. Os dados foram coletados a partir de pesquisa realizada na plataforma do *Instagram*, contabilizando a quantidade de menções às *hashtags*, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Quantidade de menções às *hashtags* feministas e seus contextos

Hashtag	Quantidade de menções	Contexto
#Sororidade	400 mil	As publicações abordam, principalmente, a importância de apoio e de cumplicidade entre as mulheres
#NãoÉNão	85 mil	Em sua maioria, mensagens que reforçam o repúdio aos diversos tipos de assédio cometidos, principalmente durante o período do carnaval no Brasil.
#MachismoMata	48 mil	O conteúdo das publicações vai de protestos contra casos de feminicídio a mensagens de apoio a mulheres que já sofreram algum tipo de violência.
#MachistaNãoPassarão	42 mil	Grande parte dos conteúdos se referem a declarações machistas feitas por homens em programas na televisão ou em outros veículos de comunicação.
#ChegaDeAssédio	21 mil	Os conteúdos vão de relatos pessoais vivenciados por mulheres que sofreram algum tipo de assédio a manifestações de repúdio ligadas a esses acontecimentos.

Fonte: Dados da pesquisa

Um pouco antes, em 2018, ano de eleição presidencial no Brasil, o país se tornou palco de uma grande mobilização feminista, dentro e fora do ambiente virtual. Devido às diversas falas do candidato a presidente Jair Bolsonaro, vistas por grande parte do público feminino como machistas e misóginas, além de outras declarações feitas por ele, a *hashtag* #EleNão foi citada em mais de um milhão de publicações no *Instagram*, tanto por mulheres, quanto por homens.



Para Sousa e Araújo (2018), as redes sociais têm sido uma ferramenta indispensável para a disseminação das mobilizações feministas. Por meio desse ambiente virtual, páginas de cunho feminista vêm ganhando visibilidade, ampliando o alcance de diálogos e, dessa forma, possibilitando que mulheres tenham mais contato com o movimento.

Diversos assuntos são abordados nas plataformas, dentre eles estão manifestações contra a violência em suas diferentes formas, denúncias e críticas à sociedade patriarcal, bem como a todas as formas de submissão e opressão. Temas como mulher no mercado de trabalho e sexualidade também estão na lista. (SOUSA e ARAÚJO, 2018)

Sobre a importância das redes sociais na difusão do movimento feminista

De acordo com Seabra (2017), foi de extrema importância para o movimento feminista, encontrar nas redes sociais formas de publicar, promover e expor discussões relacionadas à história do movimento. O *Facebook*, por exemplo, é uma das principais plataformas que promovem a difusão do movimento.

Por meio de grupos e páginas, é possível perceber a descoberta do movimento para muitas mulheres, bem como se observa que muitas passam a se sentir motivadas a desconstruir discursos de cunho machista, aumentar a autoestima tanto individual quanto coletiva, formar redes de apoio para mulheres que sofrem/sofreram relacionamentos abusivos e até mesmo grupos que geram renda estritamente de mulheres para mulheres. (SEABRA, 2017)

Com a ajuda da internet e das redes sociais, o feminismo criou maneiras de ler a realidade e reescreveu o discurso público da igualdade da mulher. Muitas jovens são diferentes hoje de suas avós porque existia o movimento de mulheres quando estavam crescendo. As principais ideias do feminismo estão presentes hoje em inúmeros espaços. (SOARES, 2014)

Para Lima (2013) o feminismo ressurgiu, e agora é capaz de alcançar mais pessoas, por meio das redes sociais. O discurso questionador da imprensa alternativa feminista dos anos 80 parece conquistar um novo ambiente, agora no ciberespaço. Em forma de blogs e páginas virtuais, vozes do passado estão (re)significando o presente.

A autora também afirma que existe uma grande articulação nas redes sociais para



promover a exaltação do movimento, organizada por mulheres feministas de todo o Brasil. As páginas existem para que as usuárias possam vivenciar nas redes a experiência de ser feminista: escrever publicações, indicar manifestações machistas na sociedade, produzir conteúdos, organizar manifestações, entre outras maneiras de espalhar a ideia de que ainda existem muitas mudanças a serem feitas na relação entre homens e mulheres.

Seabra (2017) ressalta: é inegável que a internet, os blogs e as redes sociais se tornaram um ambiente democrático e favorável para a divulgação do movimento feminista. Sem essas plataformas, seria mais complicado encontrar na mídia tradicional temas que desmistificassem ideias de menosprezo a mulher na sociedade patriarcal.

É possível enxergar a construção de uma análise crítica aos conteúdos que a mídia tradicional veicula sobre a mulher. O que vale ressaltar é que desmistificar essa ideia e desconstruir esse discurso por meio dessa análise é essencial na história do feminismo e na sua disseminação, que envolve a descoberta de um rico material sobre o movimento, a defesa dos direitos da mulher e a constituição de um mundo mais igualitário. (SEABRA, 2017)

Ainda de acordo com Seabra (2017), para as mulheres feministas, poder relatar, conversar e entender cada detalhe, termo e história do movimento através das redes sociais, é uma conquista, bem como continuar compartilhando esse conhecimento com outras mulheres. É notável a colaboração entre o feminismo e a internet.

Em concordância com Sousa e Araújo (2018), apesar da pluralidade do feminismo, a pauta em comum, que norteia e se torna o centro do movimento é a busca pela igualdade entre homens e mulheres. Há uma leitura equivocada de que essa busca visa a inversão de papéis com a submissão do homem, quando, na verdade, o que está em debate é uma luta histórica por igualdade salarial, controle da mulher sobre seu próprio corpo, planejamento familiar, entre outros aspectos.

Considerações Finais

Por meio da análise pode-se concluir que as redes sociais possuem um papel determinante na disseminação do movimento feminista contemporâneo e na força do empoderamento feminino. As mulheres estão se reconhecendo cada vez mais como donas de si e de suas escolhas, e se unindo em diversos lugares do Brasil e do mundo para



desconstruir os valores impostos por uma sociedade machista e patriarcal.

A internet aproxima, e faz com que pessoas do mundo todo possam se conectar e conhecer as histórias umas das outras. Graças às redes sociais, as mulheres estão tendo contato com o feminismo cada vez mais jovens, e criando forças para combater qualquer tipo de opressão e violência que venham a sofrer no decorrer da vida.

As ferramentas disponibilizadas pelas plataformas de redes sociais, a exemplo da mensuração das menções às *hashtags* aqui apresentadas, possibilitam monitorar níveis de alcance, aceitação, rejeição, engajamento de ações e posicionamentos na ambiência digital. Isto tem relevância significativa para o campo da pesquisa nas ciências sociais, já que possibilita o desenvolvimento de estudos futuros que analisem e discutam comportamentos e posicionamentos da sociedade.

As plataformas de redes sociais têm ainda uma função essencial na desconstrução de estereótipos sobre o papel da mulher, o que gera a liberdade de expressão e de decisão. Com o acesso ao movimento feminista e com o poder do lugar de fala, as mulheres, sejam elas jovens, adultas ou mais velhas, serão mais do que qualquer definição imposta pela sociedade, serão o que quiserem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla F.; ALVES, Ana Karina S. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres.** 2013. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 24 de mar. de 2020.

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de Fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. 2005. Disponível em:

https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17388/11025. Acesso em: 05 de abr. de 2020.

ANTOUN, Henrique. "A Internet, sem anonimato, é uma prisão de segurança máxima" Entrevista com Henrique Antoun. 2010. Disponível em

http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/32185-a-internet-sem-anonimato-e-uma-prisao-de-seguranca-maxima-entrevista-com-henrique-antoun. Acesso em: 12 de abr. de 2020.



DAMASCENO, Nathália B. A.; ARAÚJO, Sâmia S. P. Breve histórico do movimento feminista no Brasil e seus atuais desafios na perspectiva de transformação social.

2006. Disponível em: https://ichs.ufop.br/seminariodehistoria. Acesso em: 24 de mar. de 2020.

DESACATO. A importância da Marcha Contra a Mídia Machista. 28 set.

2012, Disponível em: http://desacato.info/a-importancia-da-marcha-contra-a-midia-machista/. Acesso em: 31 de mar. de 2020

GINDRE, Gustavo. **Internet e Redes Sociais como ferramentas de Mobilização**. 2016. Disponível .em http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Cartilha-Redes-Sociais-e-Mobilizacao.pdf. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

LIMA, Quézia dos Santos. **Blogueiras feministas e o discurso de divulgação do feminismo no ciberespaço**. 2013. Disponível em:

http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/BlogueirasFemin ista sEODiscurso.pdf. Acesso em: 12 de abr. de 2020.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, **Sônia C. Manual do Estilo Acadêmico 6**^a **Edição**. 2019. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29414/3/manual-de-estilo-academico-6ed- miolo-RI.pdf. Acesso em: 15 de fev. de 2020.

MARTINS, Andrea. **Ciberativismo - ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo**. 2012. Disponível em: https://vestibular.uol.com.br/resumo-das- disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas-o-ativismo-da- rede-para-as-ruas.htm. Acesso em: 29 de mar. de 2020.

PINTO, Céli R. J. **Feminismo, História e Poder**. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf. Acesso em: 14 de mar. de 2020. RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SEABRA, Ana Caroline C. M. **Feminismo e Redes Sociais: Um estudo sobre empoderamento pela internet**. 2017. Disponível em:

http://facisaead.com.br/ojs/index.php/interfacis/article/view/74. Acesso em: 10 de abr. de 2020.



SOARES, Vera. Muitas Faces do Feminismo no Brasil. 2014. Disponível em:

https://cbd0282.files.wordpress.com/2014/05/feminismonobrasil.pdf. Acesso em: 14 de mar. de 2020.

SOUSA, Delles de L. R.; ARAÚJO, Jéssica A. L. Feminismo contemporâneo:

as mídias sociais como ferramentas de resistência. 2018. Disponível em:

http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/delles_de_lean_rodrigu es de sousa.pdf. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

TAVARES, Viviany R. S.; BARBOSA, Bruno. R.; SANTOS, Flávia M. O

Uso Das Redes Sociais Como Meio De Mobilização Social nos protestos nacionais de junho de 2013. 2013. Disponível em:

http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/viewFile/3457/20263.

Acesso em: 10 de abr. de 2020.

UOL. Mulheres organizam marcha pelo direito de fazer parto em casa. 15 de jun.

de 2012. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/15/mulheres-organizam-marcha-em-mais-de-20-cidades-pelo-direito-de-fazer-parto-em-casa.htm. Acesso em: 31 de mar. de 2020